

A PSICANÁLISE E A CONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO MODERNA: A APROPRIAÇÃO MÉDICO-HIGIENISTA

*Luciana Cavalcante Torquato*¹

RESUMO:

O processo de entrada da psicanálise no Brasil esteve intimamente relacionado às demandas correntes da *intelligentsia* nacional em seu esforço de construção do projeto de nação que ecoava no país desde o final do século XIX. Tal contexto esteve profundamente marcado pela discussão de projetos para a nação brasileira com o intuito de modernização do Brasil, erguendo-o à condição de país civilizado. Na fileira desse projeto de modernização, a medicina psiquiátrica apresenta-se como uma das vias de incorporação das ideias freudianas para o aperfeiçoamento de sua prática clínica, diagnóstica e nosográfica, empreendendo uma leitura reformista e universalizante da psicanálise. Este artigo percorre os traços deixados por essa via no processo de construção do movimento psicanalítico nacional.

PALAVRAS-CHAVES: Psicanálise. Brasil. Higienismo. Identidade nacional.

¹ Psicanalista. Mestre em Psicologia (UFMG). Especialista em Teoria Psicanalítica (UFMG). Atualmente é analista de políticas públicas/ psicóloga da Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social/ Prefeitura de Belo Horizonte. Endereço: Rua Stela de Souza, 13/101 – Sagrada Família. Belo Horizonte – MG. Cep: 31030-490. Tel: (31) 9347-5571. Endereço eletrônico: luciana.torquato@pbh.gov.br.

Introdução

As considerações tratadas neste artigo são originadas de nossa pesquisa de mestrado², que abordou o tema da entrada do discurso freudiano no Brasil, no início do século XX, a partir de sua filiação a dois movimentos correntes da época: o movimento psiquiátrico higienista, em voga na medicina de então, e o movimento artístico de vanguarda mais conhecido como Modernismo brasileiro. Para este trabalho, privilegamos lançar luz sobre o modo como uma dessas vias de incorporação, a medicina higienista, teria se apropriado do discurso psicanalítico. Assim, analisamos os protagonistas durante esse processo, a leitura empreendida por esses pares da obra freudiana, bem como os traços deixados pelos mesmos na construção daquilo que poderíamos chamar de psicanálise brasileira. Tratamos ainda de explorar as especificidades dessa leitura marcada por questões ideológicas eugênicas e higienistas. Nesse sentido, em um segundo momento do trabalho, buscamos contrapor o texto freudiano e essa leitura particular empreendida por esses médicos pioneiros, privilegiando o retorno à obra freudiana, recuperando ali as noções que teriam inspirado a medicina local.

Contexto histórico e entrada do discurso freudiano

A partir das décadas iniciais do século XX, as ideias freudianas vão invadindo concomitantemente o saber médico no Brasil e o conjunto da nossa cultura literária e artística, suscitando representações diversas acerca das descobertas freudianas. A especificidade do contexto brasileiro marcará a particularidade da incorporação das ideias freudianas no país. De modo diferente do que teria se dado na França (ROUDINESCO, 1994), por exemplo, em que a psicanálise foi sendo tomada de modo contraditório pelas classes médicas e literário-filosóficas, veremos que, no Brasil, o discurso psicanalítico foi incorporado por diferentes grupos, mas em um solo comum de estabelecimento de projetos de nação e nacionalidade, ainda que tais projetos fossem diferentes entre si.

² Para conhecimento da pesquisa completa, consultar *A recepção da psicanálise no Brasil: o discurso freudiano e a questão da nacionalidade* (TORQUATO, 2014).

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista

As referências clássicas que tratam da introdução da psicanálise no país, em sua maioria, revelam ter sido o pensamento freudiano trazido e disseminado pelos médicos e psiquiatras, prioritariamente, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Registros bibliográficos mais remotos relatam que Juliano Moreira, médico fundador da psiquiatria moderna no país, teria aplicado as ideias freudianas durante suas aulas na Faculdade de Medicina na Bahia ainda no ano de 1899. Anos mais tarde, o psiquiatra será responsável pela primazia da difusão da doutrina freudiana no Rio de Janeiro: apresenta na Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, em 1914, um trabalho sobre a psicanálise esforçando-se, a partir de então, a estimular seus alunos e discípulos ao estudo e aplicação da psicanálise em seus consultórios.

Textos históricos³ nos revelam ainda que o debate acerca das ideias freudianas na capital paulista se iniciou na década de 1920 a partir da publicação do livro *A Doutrina Pansexualista de Freud*, do médico Franco da Rocha, principal expoente da psiquiatria local, idealizador e fundador do Hospital Psiquiátrico do Juqueri. Estimulado posteriormente por seu ex-aluno Durval Marcondes, Franco da Rocha lançou a segunda edição da obra em 1930. Pressionado pelo ambiente médico da época - que já dava notícia da crítica freudiana com relação ao termo “pansexualista”, Franco da Rocha (1930) aboliu a expressão do título do trabalho (SALIM, 2010).

Desde as décadas iniciais do século XX, as ideias freudianas foram recebidas por esse grupo de médicos brasileiros como uma novidade científica, rapidamente sendo transformadas em teorias de interesse acadêmico, tornando-se objetos de teses e discussões nas faculdades de medicina⁴. Nesse contexto, a psicanálise começa a ser referenciada em várias conferências nas sociedades de medicina e educação do período: seu potencial nas áreas do direito, pedagogia, psiquiatria e até mesmo nas artes passa a ser valorizado. A disciplina freudiana vai se configurando como uma panaceia, uma teoria capaz de abarcar todos os problemas decorrentes do advento da modernidade,

³ Referências históricas interessantes podem ser encontradas nos textos das psicanalistas Virginia Bicudo (1948) e Marialzira Perestrello (1987). As duas autoras são nomes importantes na construção da historiografia da psicanálise no Brasil.

⁴ Apesar da aceitação das ideias freudianas por parte do seletivo grupo de psiquiatras cotejados neste trabalho, verificamos que houve forte resistência à psicanálise no Brasil, assim como em vários outros países. Dentre outras acusações, as teorias freudianas eram apontadas como *pansexualistas*, conforme mencionado no capítulo anterior. Este termo, utilizado pejorativamente por Bleuler ao se referir à psicanálise, fortalece a rejeição da disciplina quando de sua difusão pelo mundo, colocando-a como uma obscenidade, pornografia, “ciência boche” (ROUDINESCO & PLON, 1997).

“constituindo-se em um poderoso instrumento de investigação e explicação do homem e de suas relações em sociedade” (PONTE, 1999, p. 27).

Primeiro país latino-americano a receber o freudismo, o Brasil se mostrou extremamente precoce e vanguardista no que se refere à utilização de referências diretas a Sigmund Freud em seu círculo psiquiátrico. Conta-nos Julio Pires Porto-Carrero, primeiro historiador da psicanálise no país, ter sido o médico Juliano Moreira o fundador da nossa psiquiatria moderna e pioneiro na difusão das teses freudianas. Em 1914, Moreira teria apresentado um trabalho sobre o tema na Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal após ter completado sua formação com Kraepelin, na Alemanha (PORTO-CARRERO, 1928/1929). Nesse período, Juliano Moreira teria sido um dos únicos profissionais a praticar a psicanálise em sua clínica, além de ter sido um incentivador a vários de seus discípulos ao estudo da nova disciplina.

A publicação da tese de medicina do cearense Genserico Aragão de Souza Pinto, *Da Psychanalyse: a sexualidade das neuroses*, na cidade do Rio de Janeiro, em 1914, bem como os incentivos dados por Juliano Moreira e por outros pioneiros entusiastas da disciplina freudiana, indicam uma abertura de espaço no país para a recepção da psicanálise, fato que teria se dado ao longo de todo o século vinte.

A tradição da leitura de trabalhos psicanalíticos no meio médico brasileiro passava, naquele período, por autores como Janet, Babinski, Charcot, Bernheim, Déjerine e, evidentemente, Freud. É interessante a forma como esses médicos absorviam todas essas teorias, por vezes antagônicas, para, a partir de então, formularem suas reflexões.

A entrada do moderno discurso da psicanálise pode ser compreendida a partir do contexto que se formava no país naquele momento. A virada do século XIX para o século XX marcou as duas grandes transformações da sociedade brasileira: a abolição da escravidão e a implantação da República implicaram o país e sua inteligência num movimento de reformulação das ideias e concepções a respeito do Brasil e de seu povo.

Se a inscrição formal na ordem republicana não foi capaz de alterar radicalmente o estado geral da nação (PATTO, 1999), a abolição da escravatura representava uma questão mais aguda e preocupante, uma vez que escancarava a dificuldade de integrar no país um *excesso* populacional que representava um empecilho concreto para o seu desenvolvimento e elevação à categoria de nação moderna e desenvolvida.

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista

Neste contexto, a questão do aprimoramento racial surge como solução que se fazia urgente perante um diagnóstico que atribuía à raça a existência das mazelas que afligiam esta população desamparada. Contudo, a inteligência nacional não era uníssona ao tratar dessa questão, assumindo desde posições profundamente autoritárias – que apontavam, por exemplo, para a necessidade de constituição de uma nova raça através da crescente incorporação de contingentes brancos - até aquelas que propunham maior intervenção estatal para fornecer à população padrões mais adequados e satisfatórios de saneamento e educação (PONTE, 1999).

O Brasil de então enfrentava uma série de embaraços advindos no bojo do processo de modernização: o desenvolvimento desordenado das cidades, o crescimento populacional e a ausência de infraestrutura primária agravaram significativamente as condições sanitárias observadas nos centros urbanos do país (Sevcenko, 1992). A imigração europeia, a migração dos camponeses e antigos escravos para os centros urbanos, os efeitos da industrialização que nascia agravavam o quadro de tensões sociais, colocando o próprio regime em xeque, ainda que a classe elitista dirigente procurasse justificar sua legitimidade de todas as formas. No cenário internacional, exibia-se a imagem de país insalubre, com decadente condição sanitária, assolado por enfermidades como a varíola, febre amarela, peste bubônica⁵. A demanda pela organização do processo de urbanização das cidades, pela promoção da saúde da população, ou seja, pela formulação de soluções para esses problemas advindos com a urbanização e crescimento, se fazia cada vez mais urgente.

Com tal cenário formado, em 1922 é fundada, no Rio de Janeiro, a Liga Brasileira de Higiene Mental, com objetivo de concretizar um programa de higiene mental de modo a melhorar o nível de saúde mental de forma coletiva, além de aprimorar a assistência aos doentes mentais através da renovação das instituições psiquiátricas. A partir de 1926, observa-se uma ampliação dos projetos da Liga, ultrapassando os objetivos iniciais. As aspirações eugênicas e de educação dos indivíduos começa a circular nos meios escolar, profissional e social. Juliano Moreira se destacou na difusão

⁵ Em 1902, o então presidente Rodrigues Alves lança uma série de estratégias para sanar essa questão. Suas metas eram de melhoria do porto, reforma e embelezamento da cidade e o combate às epidemias. É nesse momento que surge a figura do sanitarista Oswaldo Cruz, conhecido por coordenar as campanhas de erradicação da febre amarela e varíola no Rio de Janeiro, culminando, em 1904, no episódio da Revolta da Vacina, rebelião da população – apoiada pelos cadetes da Escola Militar- contra a vacinação forçada e invasão de seus espaços privados (PORTO, 2003). Essas ideias higienistas de orientação profilática irão embasar, alguns anos mais tarde, a criação de órgãos como a Liga Brasileira de Higiene Mental.

dessas ideias, preconizando várias medidas a serem tomadas pelos dirigentes brasileiros no sentido de contemplar uma profilaxia das doenças mentais. Elisabete Mokrejs descreve a postura do psiquiatra, lembrando que o mesmo chegou a divulgar a ideia de que a imigração seria o fator fundamental para a elevação do quadro de “delinquentes e alienados” no país, fator que seria crucial para o aparecimento de vícios e desordens psíquicas percebidos no povo (MOKREJS, 1989).

A psiquiatria no Brasil assume o status de uma disciplina de controle social desde a segunda metade do século XIX, com o objetivo de enclausurar e corrigir a loucura. Nesse contexto histórico, a divulgação das teses freudianas acabava se limitando a interpretações que a destinavam a uma posição de instrumento diagnóstico, terapêutico e moral, fato que pode ser comprovado a partir das disciplinas dos cursos de medicina do período, além daqueles textos que eram dedicados ao público leigo⁶. Cristiana Facchinetti comenta que, naquele momento, qualquer médico ou psiquiatra que esboçasse interesse pela temática da sexualidade já era reconhecido por seus pares como psicanalista, e ressalta:

(...) a psicanálise era apenas um dos elementos considerados como fundamentais para o diagnóstico, passando a encaixar-se no trinômio do orgânico, da moral e da vida moderna. Na prática, as explicações tinham, quase sem exceção, um fundo organicista, independente da roupagem que vestiam (FACCHINETTI, 2001, p.88)

A trajetória do psiquiatra Julio Pires Porto-Carrero nos serve como excelente ilustração para compreendermos a apropriação higienista que foi feita do discurso psicanalítico no período em questão. “Fanático da psicanálise”, Porto-Carrero foi um psiquiatra e psicanalista pernambucano, um dos primeiros médicos a exercer a disciplina freudiana no Brasil, ainda no início da década de 1920, construindo sua carreira no Rio de Janeiro⁷. Iniciou seus estudos de medicina na Bahia e tornou-se, em 1929, catedrático de Medicina Legal na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Fundou e dirigiu a Clínica Neuropsiquiátrica do Hospital da Marinha na capital fluminense, estando, desde então, familiarizado com as novidades lançadas pela

⁶ Um bom exemplo desse tipo de publicação é o texto de Porto-Carrero, *O caráter do Escolar segundo a psicanálise* (PORTO-CARRERO, 1927b).

⁷ Em 1925, durante uma comunicação à Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, Porto-Carrero afirmou ser um “convicto” da ciência de Freud. Anos depois, em 1928, durante apresentação oral em sala de aula, definiu-se como “um fanático da psicanálise” (SAGAWA, 2004).

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista psicanálise. Estudioso da língua alemã, Porto-Carrero conhecia e divulgava as ideias freudianas. Julio Pires Porto-Carrero dedicou-se vigorosamente ao estudo de Freud, criando, em 1926, no Rio de Janeiro, a Clínica de Psicanálise da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Ao mesmo tempo em que prescrevia a aplicação da teoria freudiana aos mais variados espectros da vida cotidiana - “na vida diária, pedagogia, até mesmo comércio, (...) inquéritos judiciais, sistemas penitenciários” (PORTO-CARRERO, 1929a, p.159), Porto-Carrero defendia vigorosamente a eugenia⁸ e higiene mental como bandeiras a serem travadas em prol de uma regeneração da raça e do povo brasileiro. De tal forma, o psiquiatra empenha um movimento de conferir à psicanálise um valor enquanto método de investigação, instrumento nosográfico que poderia auxiliar na restauração, estabelecimento e manutenção da ordem moral e social.

Os seus textos que tratam da psicanálise estão reunidos em cinco volumes e contemplam várias de suas conferências e alguns excertos de suas aulas (MOKREJS, 1989). Podemos observar nos textos de Porto-Carrero uma atenção aos conceitos básicos da teoria freudiana, além da preocupação em relacionar esses conceitos aos mais diversos temas e campos do conhecimento. Elizabete Mokrejs observa em Porto-Carrero um difuso pensamento cientista: “Ao mesmo tempo que assinala a importância dos fatores psíquicos na teoria de Freud, é capaz de sugerir que a felicidade do homem está adstrita às leis do mecanismo do relacionamento heterossexual” (MOKREJS, 1989, p.6).

Em 1927, Durval Marcondes, discípulo de Franco da Rocha, um dos mais importantes psiquiatras da época, funda a Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP) em São Paulo. A SBP nasce a partir do esforço da elite intelectual paulista - médicos, escritores e membros do movimento pedagógico local. Todavia, essa primeira sociedade não se organizava propriamente em torno da formação dos analistas, nem exercia o controle ou monopólio, por assim dizer, da transmissão da disciplina, bem como não se preocupava em outorgar o título de analista para o corpo profissional que ali se especializava. Nesse momento, interessava mais ao jovem Marcondes e ao seu mestre Franco da Rocha “fazer uma mais intensa propaganda dos princípios psycho-analyticos nas suas múltiplas aplicações, devendo-se procurar interessar sobretudo a classe dos

⁸ O termo eugenia, criado pelo fisiologista inglês Galton, refere-se ao “estudo dos fatores socialmente controláveis que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais das gerações futuras, tanto física quanto mentalmente” (PEQUIGNOT citado por COSTA, 1989, p.81).

professores” (ROCHA citado por OLIVEIRA, 2002, p.142), indicando-nos já aqui a preocupação desses médicos pioneiros em relacionar a psicanálise às mais variadas disciplinas. O que sabemos é que nesse início não havia ainda uma preocupação formal em protocolar a psicanálise, mas um intenso entrecruzamento das ideias freudianas com as mais variadas disciplinas e campos de saber, como a medicina-legal, a psiquiatria, a pedagogia, o higienismo, a antropologia, e as artes em geral.

No entanto, a instituição não vigora por muito tempo: Durval Marcondes não dispõe de boa entrada no universo acadêmico e psiquiatra paulista, ficando seu campo de atuação restrito ao Serviço de Higiene e Educação Sanitária e à Liga Paulista de Higiene Mental (LPHM). Franco da Rocha, presidente da sociedade, encontra-se aposentando, vivendo no litoral. O objetivo dessa primeira sociedade era o de promover reuniões científicas, congregar interessados na psicanálise, oferecer cursos, palestras e divulgar a teoria. Formada, inicialmente, por vinte e quatro membros, dentre os quais destacamos personalidades das letras como os modernistas Menotti Del Picchia e Cândido Mota Filho. A primeira edição da *Revista Brasileira de Psicanálise* publicada pela SBP teve um exemplar enviado a Freud, que relatou sobre o interesse em estudar a língua portuguesa após o contato com o periódico (LOBO, 1994).

Em 1929, apesar de ter sido reconhecida pela *International Psychoanalytic Association* (IPA), como “Study Group”, etapa imprescindível para o processo de reconhecimento das sociedades de psicanálise por essa Associação, os membros brasileiros não se interessaram pela adequação ao *standard* psicanalítico. O grupo foi fechado por Durval Marcondes em 1930. Apesar dos seus esforços do dedicado médico em inserir a psicanálise na Faculdade de Medicina, sua derrota definitiva consolidou-se em 1936, quando o médico Antônio Carlos Pacheco e Silva substituiu interinamente o professor Franco da Rocha. A posição do novo professor era radicalmente contrária à psicanálise. O sonho de montar um Instituto de Psicanálise na Faculdade de Medicina foi frustrado (MARCONDES, 1936). Ademais, o engajamento formal das personalidades que se filiaram à SBP não conferiu à mesma nenhuma vantagem, uma vez que foram continuamente retirando seu apoio e abandonando a sociedade. Entretanto, apesar do período curto de existência, a SBP registrou um saldo considerável: aproximou o debate sobre a psicanálise com o grupo carioca, publicou o

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista número isolado da *Revista Brasileira de Psicanálise* em 1928 e realizou algumas atividades com o apoio da Associação Brasileira de Educação (ABE)⁹.

Em 1932, a Revolução Constitucionalista de São Paulo¹⁰ impediu a chegada daquele que seria o primeiro psicanalista didata a ser “importado” pelo país. René Spitz ficou aguardando a resposta dos médicos paulistas, dentre eles, Marcondes, com a aprovação de sua vinda. No entanto, no período da Revolução, estava terminantemente proibida a circulação de toda e qualquer correspondência em São Paulo. Tomando a inexistência da resposta como falta de interesse, Spitz imigrou para os Estados Unidos. Dois anos mais tarde, Abraham Brill, então presidente da IPA, auxiliou a circulação de psicanalistas judeus, que estavam sendo perseguidos na Alemanha nazista, para países latino-americanos interessados em receber esses profissionais. Durval Marcondes endereçou a vários figurões do poder político da época pedidos de intervenção nesse sentido¹¹. No entanto, a decisão ficou a cargo do médico Antonio Carlos Pacheco e Silva, aquele substituto de Franco da Rocha na cadeira da Faculdade de Medicina. Publicamente contrário à psicanálise, o médico não levou a questão adiante.

Ernest Jones, que ocupava a presidência da IPA no ano de 1936, tomou conhecimento da situação da Dra. Adelheid Koch, psicanalista judia que precisava emigrar da Europa. Atento aos pedidos de Durval Marcondes, mediu a vinda da psicanalista alemã para o Brasil, que se tornou a responsável pela instalação do primeiro consultório particular de psicanálise na América Latina. Alguns anos depois, o próprio Durval Marcondes tornou-se analisando da Dra. Koch.

⁹ Jane Russo (2002) aborda a íntima relação entre a ABE e a psicanálise nas décadas de vinte e trinta. Em 1928, foi ofertado o Curso de Psicanálise Aplicada à Educação, ministrado pelo Prof. Deodato de Moraes, professor de Pedagogia e Psicologia Experimental da Escola Normal de São Paulo, inspetor escolar do Distrito Federal e membro do conselho diretor da Associação Brasileira de Educação, e por Porto-Carrero. O programa do referido curso consistia em uma ampla exposição da teoria freudiana, não se dedicando a uma aplicação sistemática das ideias freudianas à educação da criança, sinalizando que o objetivo do empreendimento referia-se à divulgação dos conhecimentos produzidos por Freud, ainda que não esclarecesse como tais ensinamentos poderiam servir a uma prática educacional efetiva.

¹⁰ Marco da história republicana brasileira, a Revolução Constitucionalista de 1932 resultou da expressão da insatisfação dos paulistas com a Revolução de 1930, sendo um movimento armado com objetivo de persuadir o Governo Provisório de Getúlio Vargas a acabar com o caráter discricionário do regime que comandava o país, através ainda da promulgação de uma nova Constituição Federal (MOREIRA, sem data).

¹¹ Referimo-nos aos nomes de Júlio de Mesquita Filho, então proprietário do jornal *O Estado de São Paulo* e Armando de Salles Oliveira, interventor e governador do estado de São Paulo (SALIM, 2010).

A psicanalista didata empenhou-se na institucionalização da psicanálise no país. A partir de seus esforços, em 1950 foram contratados dois psicanalistas europeus: um deles tendo permanecido em São Paulo por alguns meses, mas retornado ao seu país logo depois; e o outro, que teria se formado na Sociedade de Psicanálise de Viena, e se adaptado aos trópicos, tornando-se o segundo analista didata em São Paulo.

O reconhecimento definitivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo como primeira filial da IPA no Brasil veio em 1951 durante o Congresso Internacional da Associação, realizado em Amsterdam, Holanda.

A moral sexual civilizada: educação, moralidade e sexualidade nos trópicos

Em 1908, Jung organizou o I Congresso de Psicanálise, contando com apenas 44 participantes, mas que Ernst Jones (1979) adjectivou como um “acontecimento histórico”, apontando para uma ampliação da psicanálise pelo mundo e para sua abertura aos interlocutores internacionais para além do restrito grupo das quartas-feiras¹².

No mesmo ano, Freud (2006 [1908]) publica seu artigo *Moral sexual civilizada* na revista *Sexual-Probleme*, em que discorre sobre os textos de alguns autores que sustentam a tese da estreita relação entre a vida civilizada moderna e a alta incidência das doenças ditas nervosas. Freud tece sua crítica a respeito, afirmando que essas análises desconsiderariam o fator etiológico primordial: a repressão maléfica exercida pela moral sexual civilizada moderna sobre a vida sexual dos sujeitos. Desse modo, principalmente tratando-se das psiconeuroses, nos diz Freud, o fator sexual seria o fundamental de causação das neuroses propriamente ditas.

É importante destacar neste ponto que a questão da sexualidade, principalmente no ponto em que ela se relaciona com os aspectos da modernidade, ressoa fortemente nos trabalhos dos médicos brasileiros.

Em 1914, ano em que Freud introduz formalmente o conceito de narcisismo, examinando o lugar por ele ocupado no desenvolvimento sexual do sujeito, implicando efetivamente numa primeira reformulação da teoria pulsional, é publicada a tese de medicina de Genserico Aragão de Souza Pinto, cujo foco da pesquisa passava pela compreensão das neuroses e perversões em sua relação com a teoria das pulsões. A

¹² O grupo das quartas-feiras refere-se a sessões de discussão semanais que reuniam, a partir de 1902, no apartamento da família Freud, um contingente pequeno de interessados pela psicanálise que davam seus primeiros passos na apreensão da teoria psicanalítica (GAY, 2012).

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista psicanálise, nessa ótica, acaba recebendo uma coloração de “medicina da sexualidade”: o dinamismo psíquico, bem como alguns conceitos fundamentais à psicanálise não eram, no entanto, conhecidos por Souza into e seus pares (THEISS-ABENDROTH, 2013).

Henrique Roxo, renomado psiquiatra fluminense, faz várias menções à psicanálise e às noções de sexualidade e inconsciente em sua obra. Em seu *Manual de Psiquiatria* (Roxo, 1921), publicado em 1921, o autor situa as ideias freudianas em um lugar de destaque na evolução do saber psiquiátrico, relacionando a sexualidade à demência precoce, enfatizando a predominância da questão sexual na maioria desses casos. No entanto, seu trabalho relativiza a causalidade única da sexualidade para etiologia da histeria:

Sem que se possa aceitar o exagero de Freud que diz ser impossível haver uma neurose com uma vida sexual normal, o caso é que frequentemente, em psiquiatria, nos refolhos da consciência do doente se aninha uma ideia de natureza sexual. Um homem é sempre um escravo eterno da matéria e poder-se-á notar bem quanto na vida social influi a vida sexual (ROXO, 1919, sem p.).

Freud defende a importância de se pensar em reformas da cultura a fim de minimizar o mal-estar desse sujeito inserido no corpo social, mal-estar esse advindo dos excessos e repressões da própria cultura. Tal reforma almejaria atingir de forma mais eficiente os objetivos pretendidos pela cultura.

Relembrando que a civilização repousaria sobre a renúncia à vida pulsional (2006 [1905]; 2010 [1930]), Freud nos lança para a questão da pulsão e dos desvios de seu objeto sexual original, destinando-se a uma atividade cultural: entramos aí no campo da sublimação.

Em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud comenta que a sexualidade não estaria ligada a um objeto específico para satisfação, assim como não seria orientada particularmente para fins de reprodução. O prazer autoerótico poderia ser evocado pela estimulação das zonas erógenas do corpo: será o processo educativo o responsável pela organização das pulsões parciais em torno da primazia da sexualidade genital, alcançando assim o seu desenvolvimento pleno, do amor objetual genital.

Causa e efeito do advento da modernidade, Freud questiona o impacto da cultura sobre a sexualidade. Ele apresenta três tipos de civilização ou cultura: a primeira seria aquela que permitiria a livre manifestação sexual, a segunda, a que reprimiria somente

as pulsões que não se dedicassem à reprodução e, por fim, a terceira, que só permitiria a moral sexual civilizada, orientada para a reprodução legítima, dentro do matrimônio monogâmico.

Freud vai reconhecer que os impactos causados por essa cultura que aceita restritivamente a sexualidade na orientação reprodutiva constituem a série de sofrimento vivenciado pelos sujeitos na civilização. As possibilidades para a doença, e também para a sublimação, estão colocadas. Ele ainda nos lembra que a abstinência sexual, sugerida pela moralização da cultura, acabaria por frustrar os objetivos da mesma, impondo, conseqüentemente, um árduo sacrifício. Nesse sentido, comenta que a tarefa do analista deve passar pela indagação sobre o papel da moral sexual civilizada e o dispêndio de energia a que a mesma submete o indivíduo: “Certamente não é atribuição do médico propor reformas, mas me pareceu que eu poderia defender a necessidade de tais reformas (...), indicando o importante papel que essa moral desempenha no incremento da doença nervosa moderna” (FREUD, 2006 [1908], p. 186).

Fica evidente que, ao situar sua teoria, especificamente seus artigos que tratam da sexualidade (FREUD, 2006 [1908]); (FREUD, 2006 [1905]) no próprio projeto da modernidade, Freud denuncia a repressão exercida pela cultura sobre a sexualidade, operando um deslocamento do moralismo com que a sexualidade era tratada para o campo de um questionamento ético. No conflito entre exigências culturais e premências pulsionais, aparece o sujeito e seu mal-estar. Nesse sentido, as neuroses assumem uma insígnia de denúncia do fracasso da cultura.

No entanto, não podemos afirmar que Freud tenha proposto uma adaptação social. Ao sugerir que com o trabalho psicanalítico tratar-se-ia de “transformar um sentimento histérico em infelicidade comum” (FREUD, 2006 [1893-1895], p. 371), Freud está abrindo a terapia analítica à possibilidade de se oferecer como instrumento capaz de tornar inúmeros sujeitos “aptos para a vida” em direção a uma existência mais produtiva, prazerosa, tolerável (FREUD, 2006 [1905 [1904]). Pontuando que é no campo da sexualidade que tanto a cultura quanto a educação tem causado tais danos, ele vai dizer que talvez fosse possível a “reeducação” daquele sujeito que sofre a fim de uma superação de suas resistências internas (FREUD, 2006 [1910b]).

Na quarta de suas *Cinco lições de psicanálise*, Freud (FREUD, 2006 [1910a]) justifica sua dissertação sobre a vida sexual infantil e sobre o desenvolvimento psicosexual das crianças afirmando tratar-se, na psicanálise, de certo “aperfeiçoamento educativo destinado a vencer os resíduos infantis” (FREUD, 2006 [1910a], p.52), leitura

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista que nos indica uma possível aproximação com os pressupostos dos psiquiatras brasileiros apontados anteriormente.

Henrique Roxo (1919), ao discutir o papel central da sexualidade nos casos de doença mental, buscou fundamentos na teoria psicanalítica. Todavia, percebemos nos textos do psiquiatra uma retomada acentuada das preconizações da inteligência nacional no sentido de promover o higienismo, estipulando que o controle da população acometida por doenças mentais deveria ser feito por meio da educação moral e da promoção de saúde a fim de transformá-la, ou, melhor dizendo, reformá-la.

Nos exames clínicos de seus pacientes, Roxo buscava estigmas físicos e psíquicos para categorizar a degeneração. Essa psiquiatria biológica perseguida por ele deixa entrever a presença marcante de determinações raciais nas doenças mentais. Logo, Roxo percebia, por exemplo, as doenças como efeitos do desenvolvimento cerebral, que se daria diferente em raças diferentes. Seguindo seu raciocínio, o cérebro dos negros seria menos evoluído do que o dos brancos, o que faria daqueles mais propensos a certos desvios e anomalias. Evolutivamente, afirmava o médico, os negros seriam inferiores em sua constituição (ROXO, 1904).

Roxo propunha que a promoção da saúde e da educação poderiam transformar o quadro degradado dos negros, loucos e degenerados de toda sorte que existiam no país, efeitos das características hereditárias e dos fatores sociais – a escravatura, por exemplo. Tal retomada da proposta higienista convocada pela inteligência nacional passa a regular, de certa maneira, o campo das trocas sexuais, estabelecendo as fronteiras, por assim dizer, entre a normalidade e a patologia. A sexualidade, nesse cenário que se orientava pelas leituras de Morel e Krafft-Ebing¹³, era definida por sua finalidade de reprodução biológica. Nessa perspectiva, qualquer satisfação sexual cujo objetivo divergisse da conservação da espécie seria considerada como processo perverso, anormal, indicando involução e degeneração. Esses padrões de comportamento poderiam ser herdados e transmitidos aos descendentes.

De tal maneira, controlar a população através da higiene mental – uma vez que a sexualidade não se manifestaria somente no plano sexual, mas também moral,

¹³ Psiquiatra alemão, um dos fundadores da sexologia, teorizou sobre a noção de loucura histórica, antes do advento da “esquizofrenia” de Bleuler e da distinção futura evocada por Freud e seus dissidentes – Karl Abraham, mais especificamente – entre histeria no campo da neurose e esquizofrenia no campo da psicose. Sua obra *Psychopatia sexualis* teve alcance mundial e tratava, de forma célebre, das perversões sexuais, influenciando Freud para o estudo das noções de sadismo, masoquismo, fetichismo, dentre outras (ROUDINESCO & PLON, 1997).

necessariamente deveria passar pela eliminação radical do caráter excessivo e pulsional da raça brasileira a fim de alcançar patamares mais saudáveis.

Henrique Roxo admite nesse momento que, sem as políticas de Estado, dos médicos e dos educadores, ao negro restaria o destino de tornar-se a maior ameaça social para o país, fator primordial de degenerescência do povo brasileiro.

Apesar do paradoxo evidente, Roxo (1904) incluiu uma vertente psicogênica que convocava a psicanálise na construção de sua linha de pesquisa sobre a gênese dos problemas relativos à sexualidade nos distúrbios psíquicos. Nessa perspectiva, a psiquiatria alia-se à psicanálise para formular sua participação no projeto pedagógico moral e higienista. A consequência disso é o emparelhamento da teoria freudiana ao lado de regras e preceitos morais para os exames das mais variadas ordens: desde exames nupciais, do campo da educação infantil e ainda da prevenção contra a criminalidade (FACCHINETTI, 2006, p.154).

Em seu artigo sobre a moral sexual civilizada, Freud (2006 [1908]) indica a relação existente entre a repressão sexual e a neurose, propondo, a partir de então, que a sociedade estipulasse práticas educativas menos repressivas e que as crianças pudessem receber esclarecimentos quanto à realidade sexual (FREUD, 2006 [1907]). Contudo, anos depois, Freud (2010 [1930]) revê sua posição ao afirmar que tanto a educação sexual quanto o estímulo às práticas educativas menos repressivas não seriam o bastante para evitar a neurose. Haveria algo no campo das neuroses, afirma ele, que seria guiado pelos distúrbios advindos das práticas sociais. No entanto, Freud formula a ideia de uma tendência no próprio indivíduo, ou seja; haveria um desprazer no interior próprio da sexualidade, fator primordial para o advento do mecanismo do recalque.

Inúmeros ensaios de Porto-Carrero (1929a; 1933) tratam os conceitos freudianos a partir de uma leitura pedagógica e educativa. Assim, ele entende que a psicanálise deve ser levada ao campo da educação infantil, uma vez que admite o corolário das fases do desenvolvimento psicosexual infantil sobre a educação das crianças. Diligente com as questões educativas, propunha uma educação moral, servindo-se das leituras que fazia da psicanálise para suas proposições. Partindo da medicina, Porto-Carrero coloriu sua atuação e discurso de um tom pedagógico, imprimindo traços da eugenia por meio, por mais paradoxal que possa nos parecer, de proposições psicanalíticas.

Um protótipo do pensamento de Porto-Carrero pode ser verificado a partir da tomada que o autor faz do conceito de inconsciente. Assentando suas ideias sobre uma educação moral, reconhece essa instância psíquica como a fonte de todos os tabus que,

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista transmitidos milenarmente, seriam responsáveis pela organização da nossa noção de família, de pátria, de organização social, das concepções míticas. No caso do Brasil, especificamente, refere-se às heranças negras e indígenas como responsáveis por transmitir uma série de preconceitos e deformações, “legando-nos herança pesada e fértil de tabus, na mítica lendária e religiosa” (PORTO-CARRERO, 1929a, p.101). A questão da miscigenação também pode ser percebida no pensamento de Carrero a partir de seu contato com as ideias freudianas. Para o psiquiatra, o inconsciente “ancestral” do povo brasileiro traria a síntese do psiquismo dos antigos povos que calcaram nosso caldo racial. A partir de então, ele identifica aqueles signos evidentes que teriam sido herdados pelo brasileiro: tabus, insolência, sadismo, luxúria, cobiça, pecado, todos esses traços que seriam os fatores determinantes do nosso atraso evolutivo político e social. Tratar-se-ia, a seu ver, de um atavismo biológico, social, moral e psíquico. Diante da reconhecida impossibilidade de anulação da miscigenação, sugere que a educação sexual possa atuar para evitar que as crianças sejam acometidas por “perversões sexuais e neuroses” (PORTO-CARRERO, 1929a). Num elã nacionalista e eugênico, chega a sugerir que os dirigentes e a classe médica se ocupem de formular uma alternativa para a educação dos jovens, preconizando que no futuro a preocupação do Congresso não seria a tomada de casos clínicos individuais, mas a de “declarar a melhora da nossa raça, a nossa superioridade na América e no Mundo” (PORTO-CARRERO, 1929a, p.276).

Entre outros temas, o autor ainda aborda a caracterização do ser infantil como aquele marcado por impulsos, sobre os quais a educação exerceria um papel altamente coercitivo, gerando, inclusive, várias neuroses. Sugere ainda que as ações das crianças fossem dirigidas para práticas “úteis à sociedade”, lembrando o conceito de sublimação, o que, a seu ver, poderia garantir o desenvolvimento das capacidades cognitivas e sociais das crianças, bem como auxiliar na produção de cidadãos “prestantes”. Suas palavras elucidam com clareza a possibilidade de apreensão das formulações freudianas a serviço de uma ideia de povo e nação pautados em um discurso da moral e da higiene social: “esse será o brasileiro para a Pátria, o brasileiro útil ao Brasil” (PORTO-CARRERO, 1930, sem p.).

A psiquiatria local passa a se dedicar ao esforço de formação de homens de “bons hábitos” e, nesse empenho, apropria-se da psicanálise para auxiliar no controle daquilo que seria o “não-racional”, foco dos possíveis distúrbios e anomalias, consequências do “id primitivo”:

Este “eu” primitivo, bárbaro, selvagem, é o “homem-instinto”. A isto deu Freud o nome do vocábulo latino “id”. “Id” é, pois, uma fonte de energia derivada dos instintos. É este “id” que vive em constantes agressões ao “eu”, ao nosso segundo “eu”, o “eu” moral, o “eu” que a educação edificou. Mas este “eu”, ou melhor, “ego”, no curso do seu desenvolvimento, separa-se em uma parte mais profunda para viver em íntimo contato com o “id”. Esta parte toma aí o nome de “superego” (SILVA, 1933, p.130-131).

A temática da eugenia tratada por Porto-Carrero fica mais atenuada em sua proposição de que a educação, e isso deveria ser responsabilidade do Estado, deveria cuidar da seleção intelectual dos indivíduos, de modo a impor-lhes um ajustamento na sociedade, uma vez que “o interesse da espécie vale mais que o interesse individual”.

Paradoxalmente, Porto-Carrero assentou grande parte da sua arguição sobre os temas higienistas nas considerações psicanalíticas. Ele situa, paralelamente às suas ideias, várias citações freudianas para justificar seu pensamento por muitas vezes autoritário, preconizando as intervenções do Estado no controle total das medidas profiláticas, inclusive mentais. É assim que os papéis do pedagogo, educador, do médico e do psicanalista figuram para Porto-Carrero: devem ser submetidos ao controle do Estado, ancorados no objetivo maior da formação do caráter nacional, combatendo os desvios morais e psíquicos, no intuito de se formar um psiquismo “sadio” e útil para constituir a malha da nação. O psiquiatra se empenhou ativamente nas questões eugênicas, tangenciando temas como a esterilização, a adoção pelo Estado da prática do aborto acompanhado, do exame pré-nupcial de modo a garantir a validade sadia da prole, dentre outros (PORTO-CARRERO, 1929b).

Uma vez incorporado o pressuposto da eugenia como conceito científico, e, portanto, inquestionável, o pensamento psiquiátrico brasileiro se voltava para a elaboração de programas de higiene mental:

Os psiquiatras passaram a pedir a esterilização sexual dos indivíduos doentes, a pregar o desaparecimento da miscigenação racial entre brasileiros, a exigir a proibição de imigração de indivíduos não-brancos, a solicitar a instalação de tribunais de eugenia e de salário-paternidade eugênico etc. (COSTA, 1989, p.59).

Analisando alguns textos de Julio Porto-Carrero, podemos perceber como a psicanálise vai sendo pensada pelos adeptos da eugenia neste período: uma terapêutica que poderia corrigir os vícios, taras e desvios através da associação livre de ideias, da

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista análise onírica, das parapraxias, bem como pela análise direta das crianças, seu gestual e movimentos corporais.

As palavras de Franco da Rocha são esclarecedoras para essa compreensão:

Há na psicanálise um ponto de vista pedagógico de grande alcance. Ela considera como questão capital no determinismo psíquico do indivíduo o desenvolvimento regular e harmônico dos componentes do instinto sexual infantil. É no nosso defeituoso e nocivo hábito de ignorar as exigências da libido, de ocultá-las por completo, que se deve procurar a causa das moléstias e da degeneração da espécie. *A psicanálise tem, por isso, um valor iniludível para a ciência eugênica, que hoje ocupa a atenção da classe médica* (ROCHA, 1930, p.169).

A matriz discursiva da psicanálise no Brasil ganha destaque em sua leitura do campo social. A psicanálise vai sendo deslocada de sua face singular, de clínica e terapêutica para o campo mais amplo da psicologia coletiva, o que levou a possibilidades inusitadas de leitura da identidade nacional em formação (PONTE, 1999).

Na verdade, como nos mostra Roudinesco e Plon (1997), esse grupo seletivo de médicos brasileiros se mostrou menos crítico com relação às ideias freudianas do que os colegas de outros países que, na mesma época, recebiam as novidades de Viena. Nossos médicos, psiquiatras, educadores, higienistas começam a utilizar o discurso psicanalítico, o tema da sexualidade, em especial, tanto num viés moralizante, quanto para construção da identidade do homem brasileiro. Educar e prevenir indicavam a possibilidade de regenerar o brasileiro, considerado improdutivo, indisciplinado, doente (RUSSO, 1997). A temática da sexualidade, empreendida por Freud, reverbera na reflexão dos intelectuais brasileiros em sua vontade de contribuir para o debate sobre a identidade nacional¹⁴. Vale lembrar ainda a importância atribuída à problemática sexual nas campanhas higienistas e pedagógicas características do período, que apontam para um modelo moralizador de disciplina e controle das normas e práticas sociais¹⁵.

¹⁴ É bem revelador, nesse sentido, a menção à Freud tecida por Gilberto Freyre no clássico *Casa-grande & senzala* (Freyre, 2002). Em uma nota explicativa, Freyre indica a necessidade de se referir à teoria freudiana da libido ao relacionar aspectos da gastronomia – nomes populares de pratos e quitutes brasileiros e portugueses – a termos sexuais. Freyre aponta para a “íntima relação entre a libido e os prazeres do paladar” (FREYRE, 2002, p.312), utilizando Freud e o conceito de libido em sua tentativa de pensar a cultura brasileira.

¹⁵ É inevitável aqui a lembrança das críticas foucaultianas com relação à psicanálise, quando este autor passa a apontá-la como uma técnica fundamentalmente confessional, sem uma característica transgressiva, operando, enquanto tal, como prática de controle, exercício do poder. Parece-nos se tratar de uma crítica dirigida diretamente à prática analítica – um dispositivo de poder e saber típico das

Acho que, como primeira etapa na solução do problema da educação sexual, seria útil interessar nos estudos psicanalíticos a nossa classe professoral. Foi o que procurei fazer com o curso que há pouco tive ocasião de realizar na Sociedade de Educação. Uma vez senhores das linhas gerais da psicologia freudiana, esses elementos poderiam seleccionar suas leituras, orientando-as para as obras de psicanálise infantil e pedagógica, que hoje são inúmeras. Tal aprendizado teórico seria — é claro — completado com o estudo directo da criança sob o ponto de vista psicanalítico. Só com esse trabalho preliminar de especialização é que se poderiam formar técnicos que orientassem entre nós a organização da educação sexual, missão delicada na qual serão sempre poucos o saber e a prudência (MARCONDES citado por OLIVEIRA, 2002, p.145).

O relato de Durval Marcondes deixa entrever como o discurso médico psiquiátrico tomava a sexualidade do povo e, concomitantemente, propunha as soluções para os seus problemas: ao mesmo tempo em que se debruçavam sobre a psicanálise no entendimento de suas questões, é evidente que, nessa leitura, Durval e seus pares tenham incorporado suas formulações moralizantes à disciplina freudiana, atribuindo à psicanálise um estatuto pedagógico radicalmente diferente daquele indicado por Freud. A maneira com que esses psiquiatras operavam com o campo da sexualidade acaba por circunscrever a mesma ao campo dos instintos, desacreditando, por assim dizer, a ideia de pulsão proposta por Freud, rebaixando ainda a dignidade do conceito freudiano. Ao enunciar que a sexualidade se apoiaria no eixo definido pela oposição prazer-desprazer, Freud instaura o conceito de pulsão, a um só tempo jogando por terra a ideia da reprodução e da funcionalidade da sexualidade e lançando a mesma no campo do prazer (FREUD, 2006 [1905]).

No estágio em que Freud relacionava, simplesmente, doença nervosa e moralidade — e, portanto, a educação —, não haveria dificuldade em propor uma profilaxia das neuroses por meio de um processo educativo e pedagógico. Era esse o Freud lido e deglutido pelos médicos higienistas às quais nos referimos neste estudo. Nesse sentido, bastaria, para coordenar as bases para a educação moral de um povo, recomendar uma redução da severidade imposta pelos educadores aos infantes. Contudo, como citamos anteriormente, uma mudança radical será lançada com a revelação de Freud de que haveria certo desprazer inerente à sexualidade. Isso, que apareceria como o móvel da ação recalcadora do eu acaba levantando um paradoxo importante: como aquilo que

sociedades disciplinares. Em seu primeiro volume da obra *História da sexualidade*, Foucault (2005) toma a psicanálise como uma disciplina herdeira directa da psiquiatria clássica por articular, em sua prática, a confissão ao exame. Desse modo, aquele que estaria no lugar de escutar e interrogar seria o possuidor da verdade e propiciador do alívio da culpa. Os efeitos da confissão, a redução da culpa, o domínio do sexual é deslocado do registro da transgressão moral e do excesso para o regime do normal e do patológico (FOUCAULT, 2005).

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista aparecia como prazeroso, a própria sexualidade, poderia assumir feições de desprazer? Será esse primeiro conflito psíquico entre ideia incompatível e o próprio eu que delimitará a natureza errática e cambiável das pulsões em seu caminho à satisfação. E é somente por isso que a pulsão sexual se mostrará capaz de enveredar por caminhos socialmente úteis, possibilitando a prática educativa, a sublimação. É por seu caráter maleável advindo da ausência de um objeto e ainda por seu feitio decomponível que a pulsão sexual será passível de se dirigir a outros fins que não propriamente os sexuais.

Tomadas essas considerações, Freud então nos adverte com relação ao processo pedagógico: uma vez que a pulsão é a fonte da sublimação – e com isso da educação, da construção cultural, atacá-la, através de práticas pedagógicas, seria algo radicalmente perigoso.

A tomada que a psiquiatria local realiza da psicanálise no sentido de se apropriar da sublimação como educação dos impulsos prejudiciais a civilização denuncia certo estreitamento e reducionismo do conceito freudiano. O que se propunha, na direção do empreendimento evolutivo nacional, era a prerrogativa de que não se poderia abdicar do progresso civilizatório e, para isso, seria preciso condicionar os impulsos dos homens, substituindo por moções mais favoráveis ao avanço do país: “sublimar ou condicionar derivativos úteis ou inócuos, isto é, educar, aperfeiçoando os instintos” (AYROSA, 1934, p. 24).

A psicanálise, a nosso ver, caminha numa direção oposta a tais preconizações dos higienistas leitores de Freud no início do século XX. Freud se difere dessa pedagogia quando evita esse “desenraizamento do mal” proposto pelos médicos para “curar as mazelas morais” do povo brasileiro. Para ele, seria antes recomendado canalizar, utilizar essa fonte sublimatória em direção aos valores mais superiores. Não seria, portanto, possível construir cultura sem passar pela sublimação, o que descarta a presunção de eliminar os impulsos do sujeito proposta pelo movimento pedagógico-higienista.

Em sua quinta lição (2006 [1910a]), Freud se dedica a comentar sobre a resistência à psicanálise. E então nos diz que as duas causas mais comuns para tal passam pela falta de hábito das pessoas a lidarem com o determinismo infável da vida anímica e também pelo desconhecimento das particularidades que diferenciam processos inconscientes daqueles que nos são familiares. O efeito desse segundo obstáculo pode ser percebido no temor que as pessoas apresentam de tratar seus doentes, acreditando que trazer à tona aquilo recalcado colocaria em risco as conquistas da

civilização, uma vez que deturpariam qualquer moralidade. Diante disso, Freud nos indicará que “a destruição do caráter civilizado pelos impulsos instintivos libertados da repressão é um desfecho temido mas absolutamente impossível” (FREUD, 2006 [1910a]: p. 63), uma vez que a força do desejo se manifestaria com muito mais potência quando inconsciente do que consciente já que na consciência haveria um enfraquecimento desse impulso. Dito de outro modo, o recalcado seria muito mais forte às influências ali no plano do inconsciente, ao passo que no consciente, tudo que se lhe opuser o enfraqueceria. “O tratamento psicanalítico coloca-se assim como o melhor substituto da repressão fracassada, justamente em prol das aspirações mais altas e valiosas da civilização” (FREUD, 2006 [1910a], p.63).

Na segunda das *Cinco lições*, Freud vai propor saídas para o intenso desprazer advindo do conflito que se instaura entre as aspirações morais e éticas do sujeito e o desejo inconciliável que toma o sujeito. Uma vez que o resultado desse conflito seja o recalque, sabemos que esse recalque continua a existir no inconsciente, à espreita da oportunidade para se revelar enquanto um substituto disfarçado e irreconhecível, substituo ao qual, no entanto, relaciona-se o mesmo desprazer que se julgava evitar pelo recalque. O sintoma, essa substituição, teria para Freud traços semelhantes com a ideia inicialmente recalçada. O tratamento psicanalítico seria o trabalho de reconduzir o sintoma pelo trajeto pelo qual se realizou a substituição até a ideia recalçada. Uma vez restituído à consciência o que havia sido recalcado, Freud sugere que uma saída mais feliz pode ser ofertada ao sujeito do que o recalque em si. Ele sugere que o neurótico tem então algumas possibilidades de rematar de modo satisfatório o conflito e neurose: pode aceitar que recalcou sem motivo e aceitá-lo, pode dirigir seu desejo para um “alvo irrepreensível e mais elevado (o que se chama ‘sublimação’ do desejo)”, ou reconhecer como legítima a repulsa inicial (FREUD, 2006 [1910a]).

Freud prossegue seu argumento e chega ao ponto que nos interessa particularmente nesta discussão ao recomendar que o mais indicado, então, não seria a extirpação total dos desejos infantil. O recalque já teria, por si só, privado o sujeito daquela fonte de energia que lhe teria sido importante para formação do caráter. Outros meios devem ser empregados para tornar inofensivo ao sujeito esses desejos inconscientes assim que liberados pelo tratamento: a substituição do recalque pelo julgamento de condenação é um deles. Outro desfecho possível passaria pela nova utilização mais evoluída e útil desses impulsos inconscientes nesse segundo momento em que o sujeito se encontra mais forte e maduro. Por fim, ele indica a sublimação

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista como a saída mais favorável, uma vez que seu processo não anula a energia dos impulsos infantis, mas substitui seu alvo por outros mais elevados, não mais de ordem sexual. É exatamente a esse reforço das energias sexuais passíveis de sublimação para nossas funções mentais que se devem as conquistas da civilização. No entanto, ele nos adverte para que sejamos cautelosos: por mais que essa sublimação seja favorável e benéfica para os ganhos da sociedade, não podemos “transformar em trabalho todo o calor empregado em nossas máquinas”, ou seja, não podemos desviar toda a energia pulsional de sua finalidade primeira, uma vez que o exagerado cerceamento da sexualidade traria consigo os nefastos efeitos de uma exploração exagerada.

É justamente nesse ponto de amálgama que une psicanálise, pedagogia e eugenismo que a sexualidade se apresenta aos médicos da época como ponto nevrálgico de intervenção: no plano biológico seria preciso pensar em formas de cruzamentos adequados para melhorar a raça; no plano moral, seria preciso educar o povo quanto aos hábitos e comportamentos condizentes aos de uma vida sadia.

As palavras de Porto-Carrero são elucidativas nesse sentido:

[...] o interesse da espécie está acima do interesse da sociedade contemporânea e muito acima do indivíduo que nada mais é do que a célula periodicamente renovável do grande organismo da espécie. Urgiria, pois que o *Estado-providência assumisse o encargo de prover o bom resultado de uniões reprodutoras na espécie humana*, tal como o faz a respeito dos animais de corte. Para esse fim, o meio que mais rapidamente ocorre é o do exame médico pré-nupcial, como forma a assegurar a *perfeita validade da progênie* (PORTO-CARRERO, 1929a, p.63, grifos nossos).

E afirma seu ponto de vista de uma pedagogia sexual a partir das bases freudianas:

Dada a profunda influência da sexualidade na formação e operação da psyche infantil, não é justo que a educação se furte ao lado sexual da vida e repila, simplesmente, como imemoriaes, as manifestações e os conhecimentos sexuais. *Urge fazer a educação sexual* (PORTO-CARRERO, 1927b:p. 58-59, grifos nossos).

De tal forma, parece-nos patente a incorporação das contribuições de Freud ao discurso eugênico. A reelaboração a que é submetida a teoria psicanalítica nos permite, além disso, divisar a tentativa desses psiquiatras de sanear povo e sociedade doentes, expurgando, no entanto, qualquer derivação freudiana que não coadunasse com sua coletânea de preceitos e receitas higienistas e moralistas.

A classe médica passa a indicar a psicanálise como disciplina fundamental para se construir uma pedagogia moral do povo. Paralelamente à sua ocupação no hospital

psiquiátrico e no seio da LBHM, Porto-Carrero se esforça para situar a relevância da doutrina freudiana ao lado das práticas pedagógicas, combatendo a educação tradicional, católica e repressiva e a educação excessivamente liberal e permissiva, apostando desse modo numa via intermediária.

Considerações finais

Num primeiro momento, corremos o risco de tomar algumas formulações propostas pela fileira de médicos que indicamos neste trabalho como desatinos, produções deslocadas, sugerindo uma leitura distorcida das teses freudianas, uma vez que somos orientados pela ideia central de que nenhuma pedagogia é incitada pela psicanálise. Fato é que há certos pontos confusos e talvez obscuros concernentes à questão de Freud ter recomendado ou não essa via mais pedagógica, que passa por certa consideração de uma recomendação moralizante no trabalho com os sujeitos. Tomamos o cuidado, contudo, de não distorcemos a leitura e recepção das ideias de Freud pelos higienistas, evitando acatar suas produções como disparates. Por mais que Freud nos tenha recomendado que a ambição pedagógica seria tão inadequada quanto a terapêutica (FREUD, 2010[1912]), é fundamental que retornemos ao seu texto, apontando inclusive suas contradições no que se refere ao modo de tratar a questão pedagógica e educativa. O cuidado tido por Freud ao nos alertar quanto a isso não foi em vão: sob certo aspecto premonitório, ele parecia profetizar os desvios que suas teses poderiam sofrer a partir da circulação entre diferentes espaços. No Brasil, os atores a que atribuímos as primeiras sondagens sobre a psicanálise evidenciam para nós como a disciplina vai sendo inscrita no discurso da modernidade.

Em seu texto tardio *Análise terminável e interminável* (FREUD, 2006 [1937]) Freud nos esclarece sobre a impossibilidade de se evitar a castração. O que elucida para nós a impossibilidade de construção de um método pedagógico a partir do saber psicanalítico sobre o inconsciente, como propunha a fileira de psiquiatras e pedagogos no início do século XX. Não é possível, seguramente, estabelecer um método educativo de controle do inconsciente.

Por outro lado, para além dessa tomada mais moralizante e eugênica proposta pelos médicos pioneiros na difusão da teoria freudiana pelo país, verificamos também o entusiasmo com relação à psicanálise em alguns nomes do nosso modernismo nas primeiras décadas do século XX. Dentre ainda aquele grupo de médicos interessados no

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista pensamento freudiano, havia aqueles interessados na aplicação da psicanálise no campo da análise literária. Numerosos estudos se davam nesse ramo de conhecimento. Facchinetti (2001) destaca os textos dos médicos Luís Ribeiro do Vale (*Certos Escritores Brasileiros Psico-Patologistas* – 1934), Américo Valério (*Machado de Assis e a Psicanálise* – 1930), Durval Marcondes (*O símbolo estético na literatura* – 1952) e os de Osório César (*Contribuição ao estudo do simbolismo místico dos alienados* – 1927). Apesar da utilização da psicanálise numa perspectiva organicista, alguns psiquiatras já apontavam para o uso da psicanálise para novos fins, rompendo, de certa forma, com uma exclusividade higienista no trato da disciplina freudiana.

É fundamental ainda, antes de fecharmos os pontos trazidos por este trabalho, convocar o leitor à constatação de que, nesse mesmo Brasil acometido pelos entraves da urbanização, desenvolvimento desordenado, das ações higienistas e eugênicas, surgiram as figuras inquietantes e provocadoras do movimento artístico modernista. O modernismo brasileiro foi também responsável pelo nascimento de uma inserção singular da psicanálise no país. Apesar de não ser escopo deste artigo, o tema da apropriação modernista do discurso freudiano merece ser lembrado, uma vez que nos mostra que a psicanálise, apresentando-se como um discurso modernizante, se enovelou em diversas modalidades de pensamento: no campo social, figurando-se como possibilidade e instrumento de leitura diagnóstica, como terapêutica, como recurso à fundamentação teórica e prática dos adeptos da eugenia do período e, ainda, no campo da subjetividade, alimentando os questionamentos sobre a identidade e sobre a concepção do sujeito que intentava se descobrir brasileiro.

Se para a perspectiva psiquiátrica, a ideia de civilização passava pela crítica aos comportamentos e normas sociais pautando-se, para isso, na mera “repressão dos instintos”, na contramão dessa corrente, emergia a classe de artistas e intelectuais que compunha o movimento modernista. Esses personagens pretendiam, em sua assimilação de projeto para a identidade nacional, uma busca ao primitivo e desconhecido no interior nacional, ao invés de que se propusesse uma regeneração e moralização para se atingir a modernização. A aposta higienista de uma unificação racial, de conduta sexual, da identidade como um todo não reverbera entre esses intelectuais do modernismo. Ao contrário, parece-nos tratar, nesse caso, de certa ode à heterogeneidade. Assim, a leitura modernista parece-nos contrastar frontalmente com os apelos do discurso psiquiátrico

Luciana Cavalcante Torquato

da época ainda que tenha proposto, como esses, uma busca por um projeto identitário nacional.

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista

Referências:

AYROSA, C. *O alcoolismo – suas raízes psicológicas segundo a psicanálise*. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental. ano VII: 17-26 p. 1934.

BICUDO, V. *Contribuição para a história da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*. Arquivos de Neuropsiquiatria. São Paulo. 6: 69-72 p. 1948.

COSTA, J. F. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Xenon Ed., 1989.

FACCHINETTI, C. *Deglutindo Freud, histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil*. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

_____. Entre a psicanálise e a degenerescência: sexualidade e doença mental no início do século XX no Brasil. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, v. IX, n. 1, p. 151-161, 2006.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 16. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (2006 [1893-1895]). *Estudos sobre a histeria*. v.II.

_____. (2006 [1905 [1904]). *Sobre a psicoterapia*. v.VII.

_____. (2006 [1905]). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. v.VII.

_____. (2006 [1907]). *O esclarecimento sexual das crianças*. v. IX

_____. (2006 [1908]). *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*. v.IX

_____. (2006 [1910a]). *Cinco lições de psicanálise*. v.XI.

_____. (2006 [1910b]). *As perspectivas futuras da terapia psicanalítica*. V.XI

_____. (2006 [1937]). *Análise terminável e interminável*. v.XXIII.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. (Ed.). *Obras completas*. São Paulo: Companhia das letras, v.18, 2010 [1930].

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. 46. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. 2 São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Luciana Cavalcante Torquato

JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1979.

LOBO, R. As mudanças históricas e a chegada da psicanálise ao Brasil. In: (Ed.). *Álbum de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. p.49-56.

MARCONDES, D. *Entrevista de Durval Marcondes, 16h30hs*. Folha da Noite. São Paulo: 8 p. 1936.

MOKREJS, E. Psicanálise e educação - Júlio Pires Porto Carrero e a pedagogia na eugênica na década de trinta no Brasil. *Revista da Faculdade de Educação de São Paulo*, v. 15, n. 1, p. 5-14, 1989.

MOREIRA, R. D. L. *Revolução Constitucionalista de 1932*. Disponível em: < <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Revolucao1932>. >. Acesso em: 20 de agosto de 2013.

OLIVEIRA, C. L. Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação. *Ágora*, v. V, n. 1, p. 133-154, 2002.

PATTO, M. H. S. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. *Estudos Avançados*, v. 13, p. 167-198, 1999. ISSN 0103-4014. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141999000100017&nrm=iso >.

PERESTRELLO, M. *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Suas origens e fundação*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

PONTE, C. F. D. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação (Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, Rio de Janeiro, 1999.

PORTO-CARRERO, J. P. O carácter do escolar, segundo a psychanalyse. *Tese apresentada na I Conferência Nacional de Educação em Curitiba*, p. 41-59, 1927b.

_____. Psychanalyse: a história e o seu conceito. In: PORTO-CARRERO, J. (Ed.). *Ensaio de Psychanalyse*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1928/1929. p.11-25.

_____. *Ensaio de psicanálise*. Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1929a.

_____. *Grandezas e misérias do sexo*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Edit., 1929b.

_____. O que esperamos dos nossos filhos. *Schola, Revista da A.B.E*, v. 3, n. 1, p. 71-77, 1930.

_____. *Sexo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, Waissman, Koogan, 1933.

PORTO, M. Y. Uma revolta popular contra a vacinação. *Ciência e Cultura*, v. 55, p. 53-54, 2003. ISSN 0009-6725. Disponível em: <

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000100032&nrm=iso >.

ROCHA, F. D. *O pansexualismo na doutrina de Freud*. São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild Cia, 1920.

_____. *A doutrina de Freud*. 2. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1930.

ROUDINESCO, E. *A história da psicanálise na França: a batalha dos cem anos (volume I: 1885/1939)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1997.

ROXO, H. *Perturbações mentais nos negros no Brasil*. Brasil Médico. Rio de Janeiro. 18: p.182 p. 1904.

_____. *Sexualidade e demência precoce*. Archivos Brasileiro de Neuriatria e Psychiatria. Rio de Janeiro: 337-349 p. 1919.

_____. *Manual de psychiatria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921.

RUSSO, J. *Dize-me com quem andas... (A doutrina pansexualista de Freud e a psiquiatria brasileira no início do século)*. XXI Encontro Anual da Anpocs. Caxambu 1997.

_____. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

SAGAWA, R. Y. Psicanálise e psicologia no Brasil e em São Paulo: registros históricos. In: MASSIMI, M. e GUEDES, M. D. C. (Ed.). *História da Psicologia no Brasil: novos estudos*. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

SALIM, S. A. A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais. *Mental*, v. 8, p. x-xx, 2010. ISSN 1679-4427. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272010000100009&nrm=iso>.

SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

SILVA, G. P. D. *Crime e psico-analise*. Rio de Janeiro: Marisa Editora, 1933.

THEISS-ABENDROTH, P. *Sigmund Freud nos trópicos. A primeira dissertação psicanalítica no mundo lusófono (1914)*. Revista de Psiquiatria Clínica. São Paulo. 40: 81-82 p. 2013.

TORQUATO, L. C. *A recepção da psicanálise no Brasil: o discurso freudiano e a questão da nacionalidade*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

PSYCHOANALYSIS AND A MODERN NATION'S CONSTRUCTION: THE MEDICAL-HYGIENIST APPROPRIATION

ABSTRACT:

The arrival of the psychoanalytic discourse in Brazil was closely related to the national intelligentsia's interests in their efforts to enhance a national cultural project that has emerged since the late nineteenth century. This historical context has been marked by a discussion between several distinct projects that intended to modernize Brazil, leading it to the condition of a civilized country. Through this modernization project, the psychiatric medicine presented itself as a distinguished way of incorporating Freudian's ideas in order to improve their clinical, diagnostic and nosography practices, undertaking a reformist and universalizing reading of psychoanalysis. This paper examines the marks left by this appropriation in its efforts to construct a national psychoanalytic movement process.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Brazil. Hygienist. National identity.

LA PSYCHANALYSE ET LA CONSTRUCTION D'UNE NATION MODERNE: LA PROPRIÉTÉ MÉDICO-HYGIÉNISTE

RÉSUMÉ:

L'introduction de la psychanalyse au Brésil était étroitement lié aux intérêts de l'intelligentsia nationale dans ses efforts pour construire un projet de nation. Tel projet était disputé dans le pays depuis la fin du XIXe siècle, et ce contexte a été profondément marqué par la discussion sur les modes de modernisation du Brésil, dont le but était de lui élever au statut de pays civilisé. Dans la ligne de ce projet de modernisation, la médecine psychiatrique s'est présentée comme une voie possible d'incorporation des idées freudiennes pour améliorer leur pratiques clinique, diagnostique et nosographique en entreprenant une lecture réformiste et générique de la psychanalyse. Cet article examine les traces laissées par cette voie dans la construction du mouvement psychanalytique national.

MOTS-CLÉS: Psychanalyse. Brésil. Hygiénisme. Identité nationale.

A psicanálise e a construção de uma nação *moderna*: a apropriação médico-higienista

Recebido em: 02-06-2014

Aprovado em: 25-08-2014

©2014 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista